

PROCESSO DE ENSINO DE UMA ALUNA SURDA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA IMPULSIONADA PELA AFETIVIDADE

Maria Luciene de Souza Lima Freitas¹

Sandra Mara de Oliveira Souza²

RESUMO: O presente trabalho está direcionado àqueles docentes que têm convicções de que a questão da inclusão escolar passa por um processo de aceitação do outro, não como uma “pessoa diferente” ou deficiente, mas sim, como um ser humano com possibilidades a serem descobertas, enquanto se desenvolve o seu processo de ensino aprendizagem escolar. Ele foi desenvolvido em uma turma de 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Djalma Maranhão, em Natal/RN, com uma aluna com deficiência auditiva. O processo de aprendizagem se deu em mão dupla, pois tanto a professora aprendeu a ensiná-la como a discente permitiu envolver-se nesse processo, colaborando com a formação profissional e humana da docente. Objetivamos evidenciar que no processo educacional é preciso haver afetividade e profissionalismo para que a aprendizagem possa se efetivar. Utilizamos como referência um método de pesquisa da antropologia cultural, o etnográfico, que corresponde à também conhecida observação participante. Desenvolvemos a conscientização do outro, ao propormos que cada indivíduo se colocasse, na medida do possível, no lugar do outro e pudesse se enxergar vivenciando diversas situações. Essa metodologia foi bastante eficaz para sensibilizar os educandos e ajudar a humanizá-los. O resultado obtido foi a motivação e a melhoria do desempenho da aluna, a tal ponto dela superar algumas dificuldades, por exemplo, de falar do seu jeito diante dos colegas. Percebemos que, sem afetividade no processo de ensino-aprendizagem, as relações tornam-se menos significativas e esvazia-se o sentido do fazer pedagógico que é tocar na essência do ser e formá-lo para a vida.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Afetividade. Deficiência auditiva. Profissionalismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está direcionado àqueles docentes que têm convicções de que a questão da inclusão escolar muitas vezes, passa por um processo de aceitação do outro, não como uma” pessoa diferente” ou deficiente, mas sim, como um ser humano com

¹ Mestre em Ensino de Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, leciona na Escola Municipal Djalma Maranhão (lucienelulima@yahoo.com.br)

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (sandramsouza@gmail.com)

possibilidades a serem descobertas, enquanto se desenvolve o seu processo de ensino aprendizagem escolar. Essa experiência aconteceu no ano de 2008, quando comecei a lecionar em uma turma de 4º Ano do ensino fundamental, no turno matutino, na Escola Municipal Djalma Maranhão, localizada na zona Oeste de Natal/RN. Ela teve por objetivos mostrar que a inclusão de pessoas deficientes na escola é possível, desde que se trabalhe com profissionalismo e sensibilidade com o outro. Também objetivou ratificar que a afetividade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

A referida turma tinha 25 crianças, sendo duas alunas com deficiência, uma surda e outra com deficiência mental (DM).

O processo de aprendizagem se deu em mão dupla, numa relação entre a professora e a aluna surda. Considero que aprendi a ensiná-la ela também me ensinou. Como afirma Freire (1996, p. 23) “não há docência sem discência”. É importante ressaltar que foi a primeira vez que tive a oportunidade de lecionar para uma aluna surda. Procurei encarar a situação como um novo desafio, a ser enfrentado com profissionalismo.

Para Ramalho et al (2004, p. 51):

Através da profissionalidade, o professor adquire os conhecimentos necessários ao desempenho de suas atividades docentes, adquire os saberes próprios de sua profissão. São saberes das disciplinas e também os saberes pedagógicos. De posse desses saberes, na sua prática ele vai construindo as competências para atuar como um profissional.

Com base nas proposições dos autores acima referidos, percebemos o quanto é relevante enfrentar os problemas que vão surgindo nas práxis do professor. Compete a esse profissional buscar os conhecimentos necessários para atuar de forma competente e humana. Nesse sentido, defendo que todo professor é um pesquisador em potencial. Silva (2014, p. 41-42) afirma que:

Considerando os avanços da ciência, sabemos que todo ser humano nasce com potencialidades para aprender. Portanto, não subestime a capacidade que os alunos com deficiência intelectual, física e sensorial têm para o aprendizado e a convivência social. No entanto, seu desenvolvimento só será devidamente compreendido quando visto como um processo e não como um fato consumado. Portanto, considere-os em sua totalidade e nunca de forma fragmentada.

Para a aluna, acredito que foi um processo de aprendizagem, conquista, autoconfiança, superação do medo e da vergonha de se expor

diante dos demais colegas de sala e também de disposição para emitir as primeiras “palavras” para a professora, durante as leituras individuais, e depois nos momentos de leitura coletiva.

A superação da barreira entre a aluna surda e a sua professora só foi possível porque ela sentiu-se acolhida, amada, respeitada pela professora e os colegas, estimulada a vencer as suas próprias limitações, impulsionada pela ação afetiva encontrada em sua sala de aula.

Na perspectiva de Lima (2006, p. 43) “sabemos que afetividade é fundamental em qualquer relacionamento, pois ela é quem “melhora os espíritos” e impulsiona os ânimos daqueles que estão em desânimo, desalento, ou que foram marginalizados por não se adequarem a um padrão estabelecido como normal esta sociedade. ”

O elo afetivo estabelecido entre a aluna, a turma e a professora foi essencial para sua autoafirmação enquanto pessoa e para o desenvolvimento de seu processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido em um processo de mão dupla, em que a professora e a aluna surda aprenderam conjuntamente. Ambas foram descobrindo diferentes formas de comunicar-se no dia a dia. Ele foi realizado tomando por referência um método de pesquisa da antropologia cultural, o etnográfico, que corresponde à também conhecida observação participante.

Vale frisar ainda, que a antropologia cultural investiga as questões culturais que envolvem o homem, sendo seus costumes, mitos, valores, crenças, rituais, religião, língua, entre outros aspectos, fundamentais na formação do conceito de cultura antropológica. Ela trabalha com os conceitos de cultural e alteridade.

Com este tipo de pesquisa foi possível acompanhar e observar de perto o grupo estudado e em particular, a “D”, através de registros sistemáticos e fotografias. Assim, ao me colocar no lugar da minha aluna contribuí para que os outros alunos também pudessem se enxergar através das reflexões feitas a partir de situações surgidas dentro da sala de aula.

Um outro método utilizado foi o de acertos e erros, pois quando não conseguia comunicar-me com ela, buscava sempre uma outra estratégia de comunicação. No primeiro dia de aula, ao fazer a chamada, me senti despreparada na minha profissão, no momento em que, ao chamar a aluna surda pelo nome, ouvi a colega dizer:

- Professora, ela é surda!

Neste mesmo dia fui até a coordenadora pedagógica da escola, Ana Maria de Freitas, que, por estar ligada à Subcoordenadoria de Educação Especial da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte (SUESP/SEEC/RN), me deu algumas dicas importantes, como procurar falar bem próximo à aluna, pois os alunos com surdez fazem leitura labial e também orientou o uso de recursos visuais variados. A família da aluna surda também foi convocada para vir à escola para que pudéssemos conhecer um pouco da história de vida desta criança.

No dia 19/03/08, ao chamar os alunos da turma para fazer um diagnóstico inicial, vi que a aluna “D” queria ler. Tive receio, pois não sabia como proceder com ela naquela situação. Ainda insegura, resolvi chamá-la para ler. Primeiro, pedi que escrevesse algumas palavras, mas foi um pouco complicado porque ela não ouvia. Imediatamente, recordei as orientações da coordenadora pedagógica e busquei me valer de alguns objetos que estavam à vista como: cadernos, a porta, o ventilador e até o meu pé. Vibrei, porque esse foi um momento em que consegui me comunicar satisfatoriamente com a aluna “D”.

IMAGEM 1: A aluna “D” lendo para professora



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DA PROFESSORA MARIA LUCIENE

Neste mesmo dia escrevi em meu caderno e pedi que a “D” que lesse a seguinte frase:
você é inteligente e capaz de ler.

No dia 19/04/08 planejei uma atividade chamada “qual é a letra, a palavra é sua”, para estimular a oralidade das crianças desta turma. Tive uma grata surpresa quando a aluna “D” recebeu, assim como as outras crianças a letra, e no momento combinado, veio à frente e falou:

- S, sapo.

IMAGEM 2: Crianças lendo para a turma



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DA PROFESSORA MARIA LUCIENE

Todas as crianças pararam para ouvi-la e disseram admirados:

- Professora, ela fala!

Depois desta atividade, a aluna “D” foi adquirindo mais confiança em si e no grupo, que aos poucos foi aprendendo a não chamá-la de muda, mas sim pelo seu nome. As várias situações de preconceito surgidas na turma com ela, foram se constituindo em momentos de aprendizagem para todos, pois o método proposto possibilitou nos colocar sempre no lugar do outro, o que foi de grande valia para os e envolvidos neste processo de aprendizagem.

No dia 28/03/08, durante a aula, enquanto estava revisando o alfabeto, pedi a “D” que ensinasse a turma como era o alfabeto na língua dos sinais. Ela, de sua carteira, foi ensinando as letras, correspondendo a que ia mostrando para os seus colegas. Logo em seguida, pedi a mesma que lesse algumas palavras que estavam no quadro. A cada palavra lida por “D” os colegas aplaudiam, incentivando-a ainda mais.

No dia 23/04/08, quando estávamos lendo algumas informações que estava escritas no quadro sobre as vitaminas encontradas nas frutas, como por exemplo, banana, laranja, limão e na acerola, aproveitei e pedi a “D” que fizesse a leitura. De sua carteira leu todas, sem se sentir intimidada e demonstrando estar bem à vontade.

Logo no início da aula do dia 06/06/08, conversei com a mãe de “D”. Ela relatou que a sua filha havia comentado em casa que tinha lido uma frase para os seus colegas, pois eu tinha pedido. Isto a deixou muito feliz, pois na outra escola em que estudava, ela não falava, só na clínica onde tem a acompanhamento especializado.

Estes e outros fatos ocorridos na convivência cotidiana evidenciam que a aluna está motivada no seu processo educacional e também que a cada dia adquire mais confiança em si, na professora e no grupo. Com isto, passa a sentir-se mais segura e consciente de que as diferenças existem entre ela e seus colegas, mais que naquele ambiente, o que prevalece é a prática do respeito mútuo e a construção de relações mais humanizadoras pautadas nos princípios de solidariedade e amor ao próximo. O incentivo dado pela professora motivou-a a expor-se diante dos colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos desta experiência com uma aluna surda são bastantes animadores, pois os avanços em sua aprendizagem, tanto na leitura quanto na escrita e em atitudes, evidenciam que ela está desenvolvendo-se integralmente, tanto em relação aos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

O sucesso deste processo de ensino-aprendizagem deve, em especial à afetividade, uma vez que a mesma passou a vivenciar essa relação, tanto na escola quanto na família.

Concluo afirmando que sem afetividade entre professor e aluno, as relações tornam-se menos significativas e esvaziam-se o sentido do fazer pedagógico, pois ao meu ver é tocar na essência do ser é formar o cidadão para a vida. Como afirma Lima (2006, p. 43): “em se tratando de um trabalho com uma criança portadora de necessidades especiais ou não, a afetividade foi fundamental para que se estabelecesse um elo de confiança e respeito mútuo entre a professora e os alunos. ”

Sendo assim, a escola é um dos locais por excelência onde deve-se cultivar laços afetivos entre todos os atores envolvidos nesse processo de ensino aprendizagem, porque as relações afetivas vêm favorecer na formação de identidade do

discente. É como cita Capelatto (2012, p. 12): “[...] então, é na afetividade, isto é, na maneira como se fazem os vínculos entre o adulto e a criança, que a identidade vai ser favorecida ou não”.

CONCLUSÕES E REFERÊNCIAS

As discussões que foram travadas no decorrer deste trabalho mostraram que a questão da inclusão escolar não deve ser tratada como um problema, embora existam alguns fatores complexos e, muitas vezes, complicadores. Porém não devem ser vistos como empecilhos para se assegurar o direito de aprendizagem do aluno com deficiência. Afinal, enquanto educadores, temos por obrigação nos debruçarmos sobre as questões pedagógicas.

Vimos ainda, enquanto discorríamos sobre o processo de inclusão, que ela, por si só não se garante pela existência de leis regulamentadas constitucionalmente. Para que se efetive de fato no seio da escola é preciso que todos abracem essa causa e, de modo particular, o professor. A questão da profissionalização e a afetividade são fatores indispensáveis a todo educador como diz Freire (1996) que pensa certo e tem princípios coerentes com a suas práxis pedagógicas.

Portanto, o sucesso daqueles que são a razão de ser da escola, ou seja, os discentes, e em particular o aluno com deficiência, depende da postura política adotada pelo professor e de sua competência pedagógica em fazer dos obstáculos que surgem no cotidiano um trampolim para a vitória, não sua, mas de todos os envolvidos no processo pedagógico.

REFERÊNCIAS

CAPELLATO, Ivan. **Diálogos sobre a afetividade**. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Margarida Maria. **Métodos da Antropologia**. João Pessoa: UNIPÊ, 2017.
Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/3267416/metodosdaantropologia>.
Acesso em: 19 ago. 2017.

LIMA, Maria Luciene de Souza. **Saberes de astronomia no 1º e 2º ano do ensino fundamental numa perspectiva de letramento**

e inclusão. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RAMALHO, Betânia Leite (et al). **Formar o professor profissionalizar o ensino:** perspectivas e desafios. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2004.

SIGNIFICADOS. **Significado de Antropologia.** [S.l.]: 7Graus, 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/antropologia/>. Acesso em: 01 set. 2017.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação inclusiva:** práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões. São Paulo: Paulinas, 2014.

TODA MATÉRIA. **Antropologia.** [S.l.]: 7Graus, 2017. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br-antropologia>. Acesso em: 19 ago. 2017.